

VOTE E

TRANSFORME O

ANDES

ELEIÇÕES 10 E 11 DE MAIO

PÁGINAS 2, 6, 7 E 8

EDITORIAL

CAR@ COLEGA

DIRETORIA

N a próxima semana, nos dias 10 e 11, professores e professoras de todo o Brasil vão escolher a nova direção do Andes para o biênio 2023-2025. Este é o tema principal desta edição, ocupando as páginas 6, 7 e 8. É um momento de refletir sobre os rumos do nosso movimento docente e decidir qual sindicato queremos. Para nós, da diretoria da AdUFRJ, a opção é clara: a chapa 3, Renova Andes, é a única capaz de tirar o nosso sindicato do isolamento e do imobilismo em que está mergulhado há décadas.

Cada vez mais afastado de suas bases e encastelado em uma máquina sindical que prima pela burocracia, o Andes precisa retomar seu papel de destaque na sociedade e interagir com outras entidades democráticas, das quais vem se afastando ano após ano, para avançar nas conquistas para a categoria docente. A chapa 3 é a mais preparada para operar essa transformação. Ela é fruto de um movimento de insatisfação que tem trazido milhares de professores à reflexão e ao exercício do voto. Esse retorno de docentes que se afastaram da luta sindical — aliados do processo decisório pela prática excludente e antidemocrática da atual direção — nos enche de esperança. É com ela que vamos recolocar o Andes nos trilhos históricos de sua fundação e retomar sua relevância na vida nacional.

Separados nesta eleição por divergências pontuais, os grupos que compõem as chapas 1 e 2 marcharam juntos em momentos

marcantes de nossa categoria e do país. Estavam juntos, por exemplo, em 2016, quando a presidenta Dilma Rousseff foi retirada do poder e esses grupos se negaram ou demoraram a reconhecer ali um golpe. A campanha “Fora todos”, capitaneada pela CSP-Conlutas, à qual o Andes foi filiado até poucos meses, dá a dimensão da falta de percepção da realidade desse agrupamento. Aliada a essa abstração, a atual direção do sindicato mantém uma estrutura decisória que dificulta a participação dos professores não militantes, com congressos e conselhos intermináveis, onde a base, tão enaltecida no discurso, é tão ignorada na prática.

Aproximar a base da direção é o caminho. Aqui na AdUFRJ temos tentado estabelecer novos canais com nossos filiados, com empatia e acolhimento. Um desses novos canais é tema de nossa matéria nas páginas 4 e 5: um passeio guiado pelas memórias de nossas raízes africanas no Centro do Rio de Janeiro. A ótima recepção dos professores à iniciativa nos faz ter planos para ampliá-la a outros locais históricos ou de importância cultural e ambiental da cidade.

Completa esta edição um tema da maior relevância: a UFRJ acaba de dar o pontapé inicial para formular uma nova proposta de ensino médio do país. O atual modelo, fruto de uma Medida Provisória do governo Michel Temer e transformada na lei nº 13.415/17, jamais foi discutido com os educadores. A primeira reunião do grupo de trabalho sob a coordenação do Complexo de Professores da instituição para dar andamento a essa iniciativa está na página 3.

Boa leitura!

ELEIÇÃO UFRJ: COLÉGIO ELEITORAL SE REÚNE EM 16 DE MAIO

Depois de consagrada a vitória da Chapa 10, dos professores Roberto Medronho e Cássia Turci, para a reitoria da UFRJ, é a vez de o Colégio Eleitoral da UFRJ se reunir para a segunda etapa do processo. Cabe aos conselheiros de todos os colegiados superiores da universidade elaborar a lista tríplice que será enviada ao presidente Lula para a nomeação do novo reitor. A reunião está marcada para o dia 16 de maio.

O Colégio Eleitoral segue o que regulamenta a Lei 9.192/95, com composição de, pelo menos, 70% de docentes. Técnicos e estudantes também formam o grupo. Fazem parte do Colégio Eleitoral os integrantes do Conselho Universitário, Conselho de Ensino de Graduação, Conselho de Ensino para Graduados, Conselho de Extensão Universitária e Conselho de Curadores.

Não existe na legislação atual uma vinculação formal entre a pesquisa feita com os três segmentos acadêmicos e as decisões do Colégio Eleitoral, mas os conselheiros costumam, tradicionalmente, respeitar a decisão da comunidade universitária. O vencedor da consulta interna encabeça a lista de candidatas a



reitor, também como o mais votado no colegiado. Uma segunda lista, com os nomes dos candidatos a vice-reitor, é formada e também encabeçada pela vice da chapa eleita. A posse da nova reitoria está prevista para acontecer no início de julho. Medronho e Turci comandarão a universidade até 2027.

NÚMEROS FINAIS

A apuração dos votos em se-

parado para as eleições da reitoria da UFRJ foi encerrada na última terça-feira (2) à noite. A comissão eleitoral iniciou a contagem na sexta-feira, dia 28 de abril, logo após a totalização das urnas eletrônicas, mas pausou a apuração durante o feriado prolongado. O trabalho foi retomado na tarde do dia 2 e confirmou a vitória da Chapa 10, dos professores Roberto Medronho e Cássia Turci.

CONFIRA OS NÚMEROS:

Chapa 10
Professores: 2.253 votos – equivalentes a 18,2 pontos paritários
Técnicos: 2.536 votos – equivalentes a 10,3 pontos paritários
Estudantes: 6.835 votos – equivalentes a 3,3 pontos paritários
Total ponderado Chapa 10: 31,8 pontos paritários

Chapa 20
Professores: 835 – equivalentes a 6,7 pontos paritários
Técnicos: 2.066 – equivalentes a 8,4 pontos paritários
Estudantes: 9.792 – equivalentes a 4,7 pontos paritários
Total ponderado Chapa 20: 19,9 pontos paritários

COMO É O CÁLCULO

A fórmula paritária calcula o quociente de votantes pelo total de eleitores aptos de cada segmento (docentes, técnicos e estudantes), por chapa. Em seguida, multiplica-se o quociente de cada grupo por 1/3 e somam-se todos os quocientes. Por fim, multiplica-se por cem para se chegar ao percentual ponderado de votos por segmento. (Silvana Sá)

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

RIO DE JANEIRO

-  IBEU
-  CLUB PET
-  MAPLE BEAR TIJUCA
-  MIT CUIDADORES
-  ACADEMIA TIJUCA FIT
-  MADONA CLINIC
-  PSICARE
-  FISIOTERAPIA RJ LTDA
-  CRECHE AMANHECENDO
-  CRECHE ESCOLA RECRIAR
-  CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS

-  ROÇA URBANA ORGÂNICOS
-  JC LUZ CORRETORA
-  FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL
-  BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS
-  MACAÉ ESCOLA ALFA
-  CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL
-  HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR

-  MAIS FITNESS ACADEMIA

-  CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA

RIO DE JANEIRO E MACAÉ

-  INSPIRE ENERGIA SOLAR
-  KALUNGA PAPELARIA
-  DROGARIA RAIA

Universidade quer outro ensino médio para o país

> Salão Nobre do CCMN recebeu esta semana a primeira reunião do grupo de trabalho que vai discutir a proposta da UFRJ para o ensino médio. Sobram críticas à reforma do governo Temer

KELVIN MELO
kelvini@adufjr.org.br

A UFRJ iniciou ampla mobilização interna para formular uma nova proposta de ensino médio do país. O modelo atual, imposto por Medida Provisória no governo Michel Temer — depois transformada na lei nº 13.415/17 —, jamais foi discutido com os educadores. Sob a coordenação do Complexo de Professores da instituição, um grupo de trabalho com representantes de várias áreas realizou sua primeira reunião para cuidar do tema no dia 2, no Salão Nobre do CCMN.

“A posição do Complexo de Formação de Professores é pela revogação da lei do novo ensino médio, mas entendemos que a universidade tem um papel central num sentido propositivo, articulada necessariamente com as escolas públicas e as principais entidades representativas dos setores públicos da educação do país”, afirma a professora Maria Muanis, diretora da Faculdade de Educação e integrante da coordenação do GT.

O novo ensino médio, em seu segundo ano de implantação escalonada, tem sofrido críticas de pesquisadores e estudantes (veja no quadro os principais problemas). Mas, após quatro anos de um governo inimigo da educação, o momento é mais favorável a uma mudança de rumo. O MEC abriu uma consulta pública para colher as contribuições da sociedade civil sobre a política da área até o dia 6 de junho.

Este, no entanto, não será o caminho adotado para a divulgação da proposta da UFRJ. A diretora da Faculdade de Educação considera a consulta limitada: seu formato teria um viés que aponta para a legitimação do modelo atual com alguns

poucos ajustes. “A UFRJ tem voz importante para fazer esse diálogo diretamente com as entidades e com o governo. Vamos encontrar outras formas de encaminhar nossas propostas”, afirma Muanis.

O primeiro resultado do grupo de trabalho será a formulação de um documento com princípios gerais para este outro ensino médio. O processo democrático de discussão e a formação crítica cidadã dos estudantes, bem como a formação científica, artística e cultural, são consensos. “O GT vai aprofundar a ideia de cidadania, mas certamente essa formação é indissociável dos valores democráticos e da justiça social”, diz a diretora.

CONFERÊNCIA NACIONAL

Secretária-geral da Associação de Pós-graduandos (APG), Natália Trindade participou da reunião no CCMN. “Essa é uma pauta muito importante para os pós-graduandos. Uma parcela significativa trabalha como docente da educação básica”, afirmou. A estudante também defende que a UFRJ ajude a construir espaços de debate sobre o ensino médio com as demais universidades, sindicatos, movimentos sociais, escolas e entidades do setor.

Dirigente da Associação Nacional dos Pós-graduandos (ANPG), Natália acredita que a proposta da UFRJ pode convergir para um grande debate nacional, como já reivindicado pela ANPG, UNE e Ubes. “Para que a gente construa uma etapa local do que temos demandado nacionalmente: uma conferência sobre este tema para definir uma proposta da sociedade civil organizada”, diz.

Natália tem recebido muitas reclamações dos colegas que atuam nas escolas, em especial quanto aos chamados itinerários formativos — na teoria, um conjunto de atividades escolares



FERNANDO SOUZA/ARQUIVO ADUFRJ



MILENE GABRIELA

PRIMEIRA reunião do GT atraiu representantes de diversas áreas da UFRJ

que os alunos do ensino médio podem escolher para se aprofundar em uma determinada área do conhecimento. “As principais dificuldades envolvem esta alteração entre as disciplinas que eram comumente dadas e estes novos itinerários”.

FILOSOFIA PREJUDICADA

Se há consenso na UFRJ em torno da formação crítica dos jovens, a área de Filosofia não poderia se ausentar do debate. A disciplina foi duramente

atingida pela reforma do ensino médio. “Teve a carga reduzida no núcleo básico e ficou restrita a alguns itinerários formativos”, critica o diretor do IFCS, professor Fernando Santoro. “O que se percebe é que professores de Filosofia estão dando menos horas-aula de Filosofia e estão sendo chamados para dar outras disciplinas que não têm nenhuma estruturação acadêmica ou pedagógica”, completa.

Um dos idealizadores da proposta de constituição do GT,

Santoro avaliou de forma positiva o encontro do CCMN. “Foi a primeira reunião, mas já foi produtiva. Não podemos ficar discutindo eternamente. Cada ano que passa, é uma geração que se perde”, alerta. “Para a rejeição à reforma do ensino médio, todas as instâncias da universidade se mobilizaram. O que eu estava buscando mobilizar no IFCS e no conselho do CFCH, que resultou na formação do GT, era uma resposta não apenas negativa, mas propositiva”.

A ideia é aproveitar toda a capacidade de articulação e o conhecimento produzido pela maior universidade federal do país. Além da Faculdade de Educação e do Colégio de Aplicação, as direções e coordenações de curso das licenciaturas e as coordenações de programas de pós de educação e de ensino receberam convite para a reunião no Salão Nobre do CCMN. “Também foi encaminhado e-mail via SIGA (Sistema de Gerenciamento Acadêmico) para toda a comunidade da UFRJ”, explica Muanis. As próximas reuniões do GT — ainda não foi definida uma data para o segundo encontro — serão, de novo, amplamente divulgadas.

OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DO NOVO ENSINO MÉDIO

■ Sem democracia: lei do governo Temer não ouviu escolas e universidades públicas e desconsiderou todo o debate sobre ensino médio anterior ao golpe que tirou Dilma Rousseff do poder, em 2016. “Universidades e escolas públicas, no nosso entender, precisam ser protagonistas de qualquer processo de reforma curricular da educação

básica”, afirma a diretora da Faculdade de Educação, professora Maria Muanis.

■ Falácia da “escolha” do estudante: o novo ensino médio fala na oferta de cinco itinerários formativos que ampliarão as desigualdades educacionais do país. “Você tem um número enorme de municípios do país com apenas uma escola. E não

há um número suficiente de escolas com infraestrutura para oferecer diversos itinerários nem professores formados e concursados para este fim. Os alunos das escolas públicas ficam sem qualquer escolha”, acrescenta a dirigente.

■ Privatização embutida e EaD: sistemas de ensino podem firmar convênios com instituições

de ensino a distância. Mas não diz que isso precisa ser feito com organizações públicas. Há duas preocupações aqui: o ensino a distância na educação básica e a privatização da escola pública, interesse das grandes empresas do setor educacional.

■ “Notório saber”: profissionais podem ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação

ou experiência. Pessoas não formadas em licenciaturas podem ministrar estes conteúdos.

■ Esvaziamento curricular: há a retirada da obrigatoriedade do ensino de Língua Espanhola e das disciplinas de Sociologia e Filosofia, fundamentais para uma formação cidadã.

FOTOS: FERNANDO SOUZA



MERGULHO NA HISTÓRIA QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA

AdUFRJ inaugura programação cultural com visitas guiadas para professores sindicalizados

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Ao som do berimbau, professoras e professores viajaram para o Brasil do século XVII. Oferecido pela AdUFRJ aos docentes sindicalizados, o passeio durou toda a manhã de sábado, 29, e encantou os participantes. Foi uma visita guiada afrorreferenciada – contada sob a perspectiva dos povos escravizados no país. O roteiro percorreu a chamada Pequena África, na região portuária do Rio. Lá, especificamente no Cais do Valongo, desembarcaram mais de um milhão de negros escravizados, vergonhoso fato que o tornou o maior porto receptor de mão de obra escrava do mundo.

O passeio, com 30 vagas, foi esgotado na primeira semana em que foi anunciado pela diretoria da AdUFRJ. A imersão começou às margens da Baía de Guanabara, ou Guanapará,



como era chamada por cerca de 20 mil indígenas que viviam no seu entorno, quando os portugueses chegaram ao Brasil, no século XVI. Houve outros quatro pontos de parada: na Igreja de São Francisco da Prainha, cuja construção se iniciou em 1.696; no Largo de São Fran-

cisco da Prainha – a igreja e a praça levam esse nome porque havia uma praia onde hoje é a rua Sacadura Cabral; na Pedra do Sal, local de desembarque do sal importado da Europa, durante o Brasil-Colônia; e no Cais do Valongo – redescoberto em 2011, nas escavações para

obras das Olimpíadas de 2016. Em cada parada, mais uma história de resistência era desvelada sob olhares e ouvidos atentos de rostos jovens e maduros. Primeira diretora da Divisão de Saúde do Estudante, de então Superintendência de Políticas Estudantis, a professora

Marilurde Donato, aposentada da Escola de Enfermagem Anna Nery, estava ansiosa por cada momento. “Minha expectativa é alta a cada ponto. Esse passeio serve para nos informar melhor e para nos formar”, opinou.

Professora da Fisioterapia, Waleska Silveira levou os sobrinhos de 16 e 19 anos. “A gente já planejava fazer um passeio como este pela cidade e a AdUFRJ nos proporcionou a oportunidade perfeita”, contou. “Esse passeio nos faz conhecer uma perspectiva que a gente não aprende nas escolas”, observou Bernardo Correia, estudante do ensino médio. “Estou achando tudo muito interessante. As músicas tocadas são muito bonitas. Uma experiência enriquecedora”, completou a irmã, Ana Clara Correia, estudante de Engenharia de Alimentos da UFRJ.

Num dos pontos, descobrimos mais sobre o angu, prato tradicional e sagrado da culinária afrobrasileira, originalmente chamado zungu e proibido pelo Estado brasileiro. “As casas de zungu eram locais onde se fazia a comida, onde se reuniam muitos negros, onde tinha batuque”, contou Gabriel Siqueira, historiador e guia do passeio. “Era feito e vendido pelas negras minas no Rio, mulheres auto-organizadas, matriarcas do povo negro”. Eram conhecidas como negras minas por virem do Porto das Minas, na África.

Os ensinamentos da manhã de sábado foram transformadores. “A gente aprende tanta



coisa! Estou gostando muito”, exclamou a professora Regina Célia Reis Nunes, aposentada do Instituto de Macromoléculas. “A AdUFRJ me presenteou com esse passeio que eu já queria fazer há tempos. Que passeio bom”, elogiou. “O professor é excelente. Tem realmente um conhecimento muito aprofundado”, completou a professora Lea Miriam Fonseiriador e guia do passeio. “Era feito e vendido pelas negras minas no Rio, mulheres auto-organizadas, matriarcas do povo negro”. Eram conhecidas como negras minas por virem do Porto das Minas, na África.

Os ensinamentos da manhã de sábado foram transformadores. “A gente aprende tanta

gramação foi a professora Angela Maria Pacheco, aposentada da Escola de Química. “Adorei o passeio. Aprendi muito aqui”, disse ela, que fez ainda uma sugestão. “Espero que haja outros passeios históricos e também ecológicos, com destaque para a botânica e meio ambiente”.

A próxima turma desbravará a Pequena África em 27 de maio, com ponto de encontro em frente ao Museu de Arte do Rio. Para participar, basta enviar um e-mail para adufrrj@adufrrj.org.br com assunto “Pequena África”. O passeio é gratuito para professores filiados. Os aposentados têm direito a um acompanhante inteiramente grátis. Outros acompanhantes pagam R\$ 30.



GUIA, CAPOEIRISTA, HISTORIADOR, PROFESSOR

O guia da imersão na Pequena África foi o historiador Gabriel Siqueira, doutor em Políticas Públicas e Formação Humana e professor da educação básica e da Uerj. O docente também é capoeirista e escreveu os livros “Cativo Carioca”, que trabalha a hipótese de cativo a céu aberto, com a criminalização da capoeira e o fenômeno do feitor público, papel desempenhado pela Guarda Real da Polícia no Rio de Janeiro”, conta o autor.

Guiar professores universitários a uma história ainda negligenciada pela academia é mais que um trabalho, é uma missão para o

fiz o doutorado, e foi a ocasião para o lançamento do segundo livro, que é fruto da minha tese”, explica o historiador. “Mas, em 2015, já com algum acúmulo dessa perspectiva histórica, lancei ‘Cativo Carioca’, que trabalha a hipótese de cativo a céu aberto, com a criminalização da capoeira e o fenômeno do feitor público, papel desempenhado pela Guarda Real da Polícia no Rio de Janeiro”, conta o autor.

Guiar professores universitários a uma história ainda negligenciada pela academia é mais que um trabalho, é uma missão para o

historiador. “Participar de um encontro de gerações, com professores com mais de 30 anos de magistério, me mostra o quanto a história do nosso povo ainda não está disponível para o grande público”, observa Gabriel Siqueira. “História que foi apagada, nomes e sobrenomes propositalmente apagados, como visitas a quilombos, e vivências em aldeias, como a dos Pataxós de Parati.

HORA DE DECIDIR

Nos próximos dias 10 e 11, docentes do ensino superior de todo o país vão escolher a nova diretoria que vai comandar o Andes no biênio 2023-2025. Para ajudar na escolha, o **Jornal da AdUFRJ** ouviu os representantes da UFRJ nas diretorias executivas das três chapas concorrentes. São eles o professor Luis Eduardo Acosta, candidato a 2ª vice-presidente na chapa 1, e as professoras Marinalva Oliveira, candidata a 3ª vice-presidenta na chapa 2, e Eleonora Ziller, candidata a secretária geral da chapa 3. Confira a seguir.



LUIS EDUARDO ACOSTA
CHAPA 1



MARINALVA OLIVEIRA
CHAPA 2



ELEONORA ZILLER
CHAPA 3

■ **Jornal da Adufrj - O grupo que compõe a chapa 1 está no comando do Andes há décadas e é criticado por seus opositores por afastar gradativamente o sindicato da base. Como o senhor avalia essas críticas?**

● **Acosta** - Temos orgulho de fazer parte de uma tradição que foi capaz de se insurgir contra a ditadura empresarial-militar, lutar pela anistia e pela reintegração dos docentes cassados e afastados pela ditadura, que conquistou o Regime Jurídico Único - RJU, o regime de dedicação exclusiva, a paridade entre ativos e aposentados, a isonomia entre as carreiras do magistério superior e da educação básica. As condições de trabalho, o produtivismo febril, os cortes orçamentários alteraram as condições de participação da categoria nos espaços coletivos e isso não deve ser imputado à perda de interesse e engajamento dos docentes quanto ao futuro da universidade, mas às duras condições de trabalho.

■ **Os grupos que compõem as chapas 1 e 2 estavam juntos até o golpe de 2016, que resultou no impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff. O que hoje diferencia esses dois grupos?**

● A Chapa 1 avalia que o golpe de 2016 foi um divisor de águas, pois instaurou um estado de exceção permanente no país, corroe a já frágil democracia, vide a prisão do então candidato Lula da Silva, e contribuiu para o fortalecimento da extrema direita. A Chapa 2 possui uma leitura diferente, não concebendo a destituição da presidenta Dilma como um golpe. Divergimos também da Chapa 3, pois avaliamos a necessidade de construir uma ampla mobilização popular autônoma e independente. O transformismo sindical impossibilitou que a classe trabalhadora tivesse real força convocatória. Entendemos a interseccionalidade como uma fértil chave explicativa da composição social, sexual, étnico-racial da classe trabalhadora.

■ **Por que votar na chapa 1?**

● A chapa tem tradição de defesa da universidade pública, da cultura e da ciência, assim como de seus trabalhadores. Defendemos com firmeza a educação pública, contra os intentos de desestabilização do governo legítimo e contra o golpe silencioso da austeridade. Outro diferencial é a articulação entre as ações em defesa da democracia com a pauta específica da educação pública, como a recomposição orçamentária das universidades, a reposição de perdas salariais, a infraestrutura e as condições de trabalho, a autonomia, extinguindo as listas tripliques e, não menos importante, o acesso e a permanência de nossos estudantes. Essas bases são imprescindíveis para enfrentar os grandes problemas nacionais e dos povos.

■ **Jornal da Adufrj - O grupo que compõe a chapa 2 é criticado por seus opositores pelo sectarismo que pode levar a um maior isolamento do sindicato de suas bases. Como a senhora avalia essas críticas?**

● **Marinalva** - Nós estivemos na direção do Andes de 2012 a 2016, protagonizamos duas grandes greves e setores expressivos da categoria reconheceram no Andes-SN a legítima direção do movimento. O governo isoladamente encerrou as negociações com as entidades que representavam a ampla maioria da categoria docente federal e assinou o acordo, desrespeitando as decisões da base, com seu braço sindical, o Profes. Importante ressaltar que o reajuste em 2015 foi fruto das mobilizações de base. Esses dois exemplos mostram que no período em que dirigimos o Andes houve um fortalecimento e maior participação da base. Precisamos resgatar a história do Andes de mobilização e deliberação pela base, com autonomia e independência.

■ **Os grupos que compõem as chapas 1 e 2 estavam juntos até o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2016. A senhora acha que houve golpe? O que hoje diferencia esses dois grupos?**

Nós, da chapa 2, respeitamos todas as deliberações de congressos e Conads, não escolhemos como quais deliberações concordamos. Em seus espaços deliberativos, com ampla participação da base, o Andes definiu posições claras sobre o processo que levou à deposição do governo Dilma. Especificamente no Conad de 2016 e no Congresso de 2017 aprovamos o Fora Temer e a construção da greve geral. Naquela época, parte das pessoas que compõem as chapas 1 e 2 estava junta, mesmo que com diferenças. Mas, desde 2018, os integrantes da chapa 2 não compõem diretorias nacionais, por posições expressas nos últimos anos que geraram divergências, como autonomia sindical perante partidos políticos, governos e administrações; o papel do Andes na defesa de um projeto classista de educação, e as perspectivas organizativas abertas com a desfiliação da CSP-Conlutas. Neste período, mantivemos nossa militância na base, encampando bandeiras pela recomposição de nossos salários e reestruturação da carreira, bem como contra a reforma administrativa, os cortes no orçamento das IES públicas, a Ebsers e os projetos privatizantes, como o Viva UFRJ, bem como na luta pelo Fora Bolsonaro. Congruentes com nosso procedimento constituímos uma chapa com a participação de independentes e dois coletivos, Rosa Luxemburgo e CAEL.

■ **Por que votar na chapa 2?**

Para garantir a autonomia e independência do Andes, avançar na defesa dos interesses da categoria docente e, em articulação com outras entidades sindicais e populares, ampliar direitos sociais. É urgente a reestruturação da nossa carreira e a revogação de todas as medidas que retirem direitos sobre promoções e progressões em todas as instituições públicas. As condições criadas pelo ideário fascista exigem que o nosso sindicato seja referência de força e luta em defesa das liberdades democráticas, e as alianças do governo Lula com o setor privado-mercantil da educação exigem, para a reversão desse quadro, a construção de um grande movimento pela educação pública em todos os níveis. Nosso maior desafio é recuperar a capacidade de mobilização da categoria para garantir nossos direitos, com capacidade de diálogo com a base. Vamos lutar pela garantia das condições adequadas para o exercício docente com indissolubilidade entre ensino, pesquisa e extensão; por valorização salarial; por concursos públicos e por políticas educacionais que garantam direitos das mulheres, docentes em atividade ou aposentadas, pretas, quilombolas, indígenas, mães de pessoas com deficiência, migrantes, refugiadas, apátridas, de comunidades tradicionais, LGBTQIAP+ e de demais grupos historicamente excluídos.

■ **Jornal da Adufrj - O Renova Andes, maior grupo de oposição à atual direção do sindicato, é criticado por seus opositores por sua falta de autonomia em relação a governos e reitorias. Como a senhora avalia essas críticas?**

● **Eleonora** - O Renova nasce como um fórum de discussão, a partir de uma profunda insatisfação com os rumos do movimento docente, e desemboca em uma chapa em 2018. Ganha então organicidade para definir um programa, cuja base é a ideia de que o Andes precisa passar por uma grande transformação em suas práticas sindicais. Ele está fora do cenário político, não tem mais interlocução com a sociedade, se isolou e se apequenou em sua política sectária. Por isso, também não consegue definir as melhores estratégias de disputa e luta política para obter ganhos materiais e objetivos para a categoria. Há uma insatisfação muito grande dentro do Renova, por exemplo, com as posições tomadas pela diretoria do Andes em 2016, quando estava em jogo o impeachment da presidenta Dilma Rousseff e o Andes demorou a reconhecer que havia ali um golpe. Mais grave ainda foi a posição da CSP-Conlutas, que chegou a fazer a campanha "Fora todos", numa ausência de percepção da realidade. O Renova tem grupos e correntes que se identificam com o PT, daí essa narrativa de nossos opositores de falta de autonomia em relação a governos e reitorias, o que é um disparate. É uma falsificação, é politicamente desonesto. Não há no nosso programa ou em nossa atuação qualquer ação que indique falta de autonomia do sindicato. Uma análise mais correta das tensões políticas que o governo enfrenta não representa subordinação. Muito pelo contrário, isso só proporcionará melhores condições para a construção do movimento e para forçar negociações que possam arrancar ganhos para a categoria.

■ **Os grupos que compõem as chapas 1 e 2 estavam juntos até o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2016, e agora marcham separados nesta eleição. O Renova pode se beneficiar dessa divisão?**

● Há uma questão em que a gente se beneficia dessa divisão. É que finalmente o sindicato se movimenta. Grande parte dos professores que foi se afastando do sindicato o fez pela impossibilidade de interferir. Você tem uma estrutura burocrática de poder tão consolidada ao longo de décadas que as pessoas deixam de participar, simplesmente se cansam e se afastam. Se analisarmos os resultados das últimas eleições, veremos que o Renova Andes não disputou os eleitores que votavam na diretoria do sindicato. Na verdade, nós trouxemos para o processo eleitoral milhares de pessoas que não estavam votando, que antes não viam chance de mudança. E agora, quando eles se dividem em duas chapas, isso faz com os professores se animem mais, porque a sensação é de que as coisas se movimentaram. Há uma percepção de que aquele bloco burocrático e hierarquizado que controlava a máquina sindical está se desfazendo.

■ **Por que votar na chapa 3?**

● A chapa 3 é uma possibilidade real de nós abrirmos uma discussão para a transformação do Andes. Há hoje uma expectativa muito grande de que o sindicato traga conquistas, que possa ser capaz de negociar e fazer com que o governo ceda às nossas principais reivindicações. Essa expectativa é a razão de ser da chapa 3. Nosso convite para todos os professores que sentem a precarização de seu trabalho, o peso do excesso de tarefas, a ausência de recursos para pesquisa, as dificuldades na progressão da carreira é que vejam o sindicato como uma rede de proteção. O que nós queremos é um sindicato que volte a ter essa função primordial, de proteção e apoio, da busca de soluções coletivas.

COMO E ONDE VOTAR

A eleição para a diretoria do Andes acontece na quarta e na quinta-feiras da semana que vem. Professores de todo o país votarão em suas respectivas universidades. A AdUFRJ forma o maior colégio eleitoral, com 3.363 votantes. Os docentes aptos a votar são os sindicalizados até 9 de fevereiro — aposentados também participam —, que estejam em dia com suas contribuições até 11 de março. É necessário apresentar documento de identificação com foto. Veja abaixo os locais e os horários de votação na UFRJ.



SILVANA SÁ
silvana@adufjrj.org.br

A próxima semana será intensa para professores universitários de todo o país. Entre os dias 10 e 11 de maio será

realizado o pleito que definirá a nova diretoria do Andes. O grupo vencedor conduzirá o sindicato nacional dos docentes até 2025.

Este ano, três chapas disputam a preferência dos eleitores. É a segunda vez, em 42 anos de história, que há concorrência entre três grupos — a primeira foi em 1996. A Chapa 1 é a representante direta da atual diretoria nacional. A Chapa 2 é uma dissidência do grupo que comanda o Andes há mais de duas décadas. Já a Chapa 3 é formada pelo Renova Andes, principal coletivo de oposição à direção nacional. A diretoria da AdUFRJ apoia a Chapa 3.

Em todo o país, 65.315 professores formam o eleitoral em 95 seções sindicais. Para estar apto a votar, o docente precisa ter se sindicalizado até 9 de fevereiro deste ano e estar em dia com as contribuições sindicais. Professores aposentados também podem votar.

MAIOR COLÉGIO

As seções sindicais do Rio de Janeiro concentram o maior grupo de professores sindicalizados. São 9.937 aptos a votar. Já a AdUFRJ constitui o maior colégio eleitoral do Brasil, com 3.363 docentes habilitados ao voto.

Cada seção eleitoral tem uma Comissão Eleitoral Local, que organiza o pleito em cada universidade. Na UFRJ, a CEL é presidida pelo professor João Torres, presidente da AdUFRJ. Compõem a comissão, ainda, representantes das três chapas em disputa: Markos Klemz (chapa 1), André Meyer (chapa 2) e Mayra Goulart (chapa 3).

O último debate entre as chapas será realizado na próxima segunda-feira, dia 8 de maio. A atividade acontece em Brasília, com transmissão ao vivo pelas redes sociais do Andes.

ELEIÇÕES ANDES - BIÊNIO 2023-2025 LOCAIS E HORÁRIOS DE VOTAÇÃO						
SEÇÃO ELEITORAL	Nº	NOME	UNIDADES	LOCAL	HORÁRIOS	
					10/05	11/05
1	Praia Vermelha 1		Escola de Comunicação (ECO)	Hall de entrada do IE	9h-18h	9h-18h
			Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC)			
2	Praia Vermelha 2		Faculdade de Educação	Portaria da Escola de Serviço Social	9h-20h30	9h-20h30
			Escola de Serviço Social (ESS)			
3	IFCS		Instituto de Psicologia (IP)	Pátio Interno	10h-13h	10h-13h
			Instituto de Psiquiatria (IPUB)			
4	FND		NEPP-DH	Sala dos Professores (1º andar)	9h-12h	9h-12h
			Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS)			
5	Anna Nery		Instituto de História (IH)	Entrada	13h-17h	13h-17h
			Escola de Música			
6	HUCFF		Museu Nacional	Hall Elevadores do Subsolo do HUCFF	07h-14h	07h-14h
			Faculdade de Direito (FND)			
7	IESC		Observatório do Valongo (OV)	Entrada	11h-13h	11h-13h
			Escola de Enfermagem Anna Nery			
8	CCS		Escola de Educação Infantil (EEI)	Bloco H	09h-15h	09h-15h
			Faculdade de Medicina (FM)			
9	EEFD		Faculdade de Odontologia (FO)	Entrada do Prédio	9h-21h	9h-21h
			Instituto de Doenças do Tórax (IDT)			
10	LETRAS		Instituto de Ginecologia (IG)	Entrada da FL	10h-18h30	10h-18h30
			Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira			
11	REITORIA		Maternidade Escola	Hall dos elevadores	9h-15h	9h-15h
			Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC)			
12	CT		Faculdade de Farmácia (FF)	Bloco D	9h-17h30	9h-17h30
			Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF)			
13	CCMN		Instituto de Ciências Biomédicas (ICB)	Hall-Bloco A-térreo	10h-16h	10h-16h
			Instituto de Microbiologia Professor Paulo de Goes (IMPPG)			
14	CÁp		Instituto de Nutrição Josué de Castro (INJC)	Sala dos Professores	8h30-16h	8h30-16h
			Instituto de Pesquisas de Produtos Naturais Walter Mors (IPPN)			
15	Macaé 1		Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES)	Corredor do Bloco B	10h-18h	10h-18h
			Escola de Educação Física e Desportos (EEFD)			
16	Macaé 2		Escola de Letras	Hall do Auditório	10h30-13h30	10h30-13h30
			Escola de Belas Artes (EBA)			
17	Caxias		Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU)	Bloco C	11h-14h	11h-14h
			Instituto Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR)			

Mas quem é o Sindicato?

Ele fica sentado em sua casa com o telefone?

Seus pensamentos são secretos, suas decisões desconhecidas?

Quem é ele?

Nós somos ele, você, eu, vocês, nós todos.

Ele veste sua roupa, companheiro, e pensa com a sua cabeça.

**Onde moro é a casa dele,
e quando você é atacado, ele luta!**

**Mostre-nos o caminho que devemos seguir e
nós seguiremos com você.**

Mas não siga sem nós o caminho correto.

Ele é, sem nós, o mais errado.

Não se afaste de nós.

**Podemos errar e você ter razão, portanto não se
afaste de nós!**

**Que o caminho curto é melhor que o longo,
ninguém nega.**

**Mas quando alguém o conhece e não é capaz
de mostrá-lo a nós, de que nos serve sua
sabedoria?**

Seja sábio conosco!

Não se afaste de nós!

Adaptação do professor Helder Molina do poema 'Mas quem é o partido?' de Bertolt Brecht

VOTE E TRANSFORME O ANDES

ELEIÇÕES 10 E 11 DE MAIO